

Sincretismo religioso presente na obra: “O Pagador de promessas”, de Dias Gomes

Rosa Beloto

1-Sincretismo

Conforme o Dicionário de Etimológico de Antenor Nascentes (1), a palavra SINCRETISMO vem do Grego SYGKRETISMOS, reunião de diversos Estados da Ilha de Creta contra o inimigo comum, através do francês “syncrétisme”.

A palavra tem a mesma raiz de SINCRISE, do grego SYGKRÍISIS, reunião, comparação, pelo latim “syncrise” por via erudita.

Assim, nesta comunicação, Sincretismo é a difusão de lementos culturais diferentes, ou até antagônicos, em um só elemento, é a tendência à unificação de idéias ou de doutrinas diversificadas e, por vezes, até inconciliáveis

2-Escavidão Negra no Brasil

Se observarmos o teor da “Carta” de Pero Vaz de Caminha, considerada a certidão de nascimento do Brasil, em especial a parte em que caracteriza a terra recém “achada” (sua fauna, sua flora, seu clima, seu relevo, sua extensão, etc), percebemos que ele acertou ao escrever que “nessa terra, em se plantando tudo dá” e em grande quantidade e qualidade. Grande quantidade de pau-brasil, tipo de árvore cuja madeira era vermelha como a brasa, foi encontrada pelos portugueses de tal forma que eles denominavam seu “achado” de Brasil. Essa grande quantidade de pau-brasil logo partiu, lotando os navios rumo a Portugal. Vermelhos como a brasa eram também os brasis, os habitantes dessa terra: os índios. Na “Carta” de Caminha, os índios são caracterizados como homens altos, fortes, belos, dóceis, passivos e pacíficos e sem religião; pela estatura e pelo porte físico, por serem caçadores, pescadores e conhecedores da fauna e da flora do território em que viviam, Caminha concluiu e escreveu ao rei de Portugal, Dom Manuel I, O Venturoso, que esses habitantes trabalhariam sem que fosse preciso pagar qualquer valor por sua mão-de-obra. Que, por tudo isso, Portugal tomasse posse de tal riquezas sem mais delongas.

Se Caminha havia acertado na caracterização da terra, ele errou em demasia quanto às características dos brasis, que não eram passivos e pacíficos, que tinham cultura própria (religião) e que se negaram a trabalhar para o homem branco.

(1) NASCENTES, Antenor. **Dicionário Etimológico Resumido**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro – MEC, 1966 – p.691

No ano de 1559, já em plena colonização, a coroa portuguesa, diante da necessidade de aumentar a produção agrícola brasileira da cana-de-açúcar e da mandioca, e diante do fato do índio não se submeter ao trabalho escravo, aprovou a vinda de escravos negros para o Brasil, trazidos da África, permitindo que cada senhor de engenho comprasse, no máximo, 120 negros por ano

No século XVI, os portugueses passaram a ter o monopólio do açúcar, uma das maiores riquezas da época que antes era privilégio dos venezianos. A necessidade de uma melhor organização na produção açucareira para dar conta da expansão e demanda externa exigia uma mão-de-obra especializada como a dos africanos, que já lidavam com essa atividade nas propriedades dos portugueses no litoral da África. Num canavial extenso como o Brasil, ela foi ainda mais essencial. A habilidade dos africanos não se restringia, porém, à agricultura em geral e às atividades especializadas como o fabrico do açúcar, mas também aos trabalhos com ferro e com gado. A aquisição de escravos negros era, portanto, um investimento bastante lucrativo, pois essa mão-de-obra tinha um excelente rendimento no trabalho.

Os escravos negros, ainda no seu continente de origem, eram trocados por escambo, ou seja, por fumo ou aguardante. Eram trazidos ao Brasil nos porões dos então conhecidos navios negreiros, amontoados, pois eram muitos negros num espaço tão reduzido. Durante o trajeto (a travessia do Oceanos Atlântico por meses), contraíam doenças por causa das péssimas condições de higiene e por comerem coisas horríveis e, assim, grande parte desses negros morria.

Os negros que conseguiam chegar vivos ao Brasil tinham vários destinos, mas o mais comum deles era o trabalho na agricultura da cana-de-açúcar e, tempos depois, do café. A jornada de trabalho era desumana: de 12 a 16 horas por dia. Sua alimentação era precária, bem como os locais onde dormiam: a senzala (nas grandes fazendas) ou a palhoça (nos locais menores), considerados verdadeiras pocilgas ou chiqueiros. Muitos eram os tipos de suplício por que passavam: eram presos com corrente a um tronco, eram açoitados com um chicote de couro chamado “bacalhau”, recebiam pancadas com a palmatória nas palmas das mãos estendidas, anavalhamentos seguidos de salmouras, marcas de ferro em brasa, libantos, etc.

Os escravos não conseguiam suportar os maus-tratos por muito tempo. Muitos morriam por causa do banzo, uma tristeza enorme que chagava a matar; outros se suicidavam para dar prejuízos aos seus donos e a maioria começou a se revoltar.

Uma das conseqüências dessa revolta era a fuga. Os escravos fugitivos eram perseguidos como animais pelos “capitães do mato” e, quando capturados, eram torturados até a morte, servindo de exemplo aos que também desejavam fugir.

Os escravos que conseguiam fugir normamente iam viver nos quilombos, que eram vilas e acampamentos formados por escravos, localizados em regiões de difícil acesso e muito bem organizados. O maior e mais famoso quilombo foi o Quilombo dos Palmares, que chegou a abrigar 20.000 escravos, sendo que seu primeiro líder foi Ganga Zumba e o mais famoso, Zumbi, que lutou até a morte para defender aquele quilombo, destruído em 1694 pelas tropas do bandeirante Domingos Jorge Velho depois de 104 anos de existência.

Outra maneira de expressar sua revolta, aquela que mais interessa a este trabalho, foi preservando suas tradições, principalmente as religiosas. Obrigados a adotarem o Cristianismo e proibidos de praticar sua religião, o Candomblé, e de culturar os seus deuses, os escravos negros encontraram uma forma de burlar tais proibições, conforme o que será exposto a seguir.

3- Mitologia africana e sincretismo religioso no Brasil

A preservação de suas tradições religiosas foi uma das expressões mais importantes do descontentamento e da revolta do negro escravo em relação às condições desumanas de trabalho e de vida a que era submetido pelo seu “senhor”, seu “dono”, já que numa sociedade escravocrata ele era uma mercadoria.

Não podendo praticar livremente seus cultos religiosos ou adorar seus deuses e, por outro lado, sendo obrigado a adotar a mesma religião do seu “senhor” – a Católica – frequentando inclusive seus cultos – as missas - o negro escravo finge cultuar os santos

católicos, quando, na verdade, adorava seus deuses nagôs. As imagens que representavam Jesus no Catolicismo, por exemplo, em todas as suas versões (menino, pregador, crucificado) serviam para que o negro escravo, fingindo cultuar Jesus, cultuasse o Orixá mais importante das religiões africanas: Oxalá.

A representação, numa imagem de santo, de duas divindades diferentes ou, a utilização de uma mesma imagem representando dois santos de diferentes religiões recebe o nome de **sincretismo**.

Tancredo da Silva Pinto, no site Tecnologia Ocultista da Umbanda no Brasil, em seu trabalho “Sincretismo” (2), lembra que os senhores não viam com bons olhos todo e qualquer movimento tradicional religioso que os negros escravos fizessem em suas senzalas, punindo-os, por intermédio dos meios de suplícios já citados, com o objetivo de desencorajá-los das práticas de rituais recebidos de seus ancestrais no continente africano. Segundo consta do trabalho do autor, foram os jesuítas que sugeriram aos escravos negros que colocassem nos Pegis (altares) de seus terreiros imagens e ícones católicos com o fito de que os senhores parassem com os castigos desnecessários, pois a presença de santos católicos nas senzalas significava para esses “senhores” que os negros estavam lhe obedecendo quanto à converção e a devoção ao Catolicismo.

Apesar do domínio dos senhores sobre os negros escravos, esses dominados encontravam no sincretismo religioso uma nesga de liberdade, de resistência e de dignidade. Através dessa forma de burlar esse domínio religioso dos seus senhores sobre eles, os negros escravos mostraram que, apesar de serem tratados como mera mercadorias,

(2) www.umbandaracional.com.br

de serem vendidos da mesma forma e no mesmo local que os cavalos e outros animais de carga e da vida desumana que levavam, eles eram seres humanos e, por isso, eram inteligentes e buscam a liberdade, seja qual fosse e como fosse.

A religião trazida da África pelos negros escravos ao Brasil, o Candomblé, uma religião com princípios e hierarquia muito rígidos e que cultua Orixás e Ancestrais, ao entrar em contato com o Catolicismo e com os rituais indígenas, resultou no sincretismo que deu origem à Umbanda, que, além do culto aos Orixás, cultua os Caboclos, Preto-Velhos, Pomba-Gira e Encantados.

Alguns exemplos desse sincretismo religioso, desde a época da escravidão até hoje na Bahia, o mais africano dos Estados brasileiros, são os seguintes:

Oxalá = Nosso Senhor do Bonfim (Jesus)

Yemanjá = Nossa Senhora da Conceição

Oxun = Nossa Senhora Das Candeias e Nossa Senhora Aparecida

Yansan ou Oyá = Santa Bárbara

Xangô – São Jerônimo

Oxumarê = São Bartolomeu

Nãã = Santa Ana

Omolu ou Abaluaiê = São Lázaro e São Roque

Locunêdê – Santo Expedito

Oxossi = São Jorge

Ogun = Santo Antônio

Não é à toa que muitos terreiros de Umbanda se parecem tanto com igrejas católicas.

4- A Igreja do Bonfim: símbolo do sincretismo religioso na Bahia

Maio de 1888. O imperador do Brasil, D. Pedro II, viajou e sua filha, a princesa Isabel, assumiu o trono. No dia 13 do mesmo mês e ano, ela assinou a Lei Áurea e, após muitas lutas e leis, o Movimento Abolicionista formado com a participação de brancos, negros, mulatos, escravos e libertos triunfou, pois, como dizia o texto daquela lei, estava “declarada extinta a escravidão no Brasil”. O destino dos ex-escravos era incerto, pois não havia uma

infra-estrutura organizada para essa libertação no sentido de propiciar ao ex-escravo condições de vida e de trabalho. No Rio de Janeiro, por exemplo, buscando um lugar para morar, os negros subiram as encostas dos morros onde encontram uns arbustos chamados favelas e, como passaram a viver no local e como diz um verso de uma canção popular brasileira, a favela tornou-se a nova senzala (3)

Por conta da discriminação racial, social e econômica e dos resquícios da escravidão, a grande população pobre no Brasil é negra, não tem acesso a boas escolas, tem salários menores e, diante do desemprego que assola o país, é a que tem mais dificuldades para

(3) “**Revanche**”, de Lobão e Bernardo Vilhena: “A favela é a nova senzala, correntes da velha tribo/ E a sala é a nova cela, prisioneiros do vício”

arrumar emprego. A liberdade conquistada, assim, foi pequena, pois, para o negro, ainda muito da sua condição de escravo permanece nas suas condições de vida atuais.

Não se pode dizer o mesmo, porém, sobre aquela nesga de liberdade que o negro já havia conquistado desde a escravidão, aquela conseguida graças ao sincretismo religioso, já que, graças a isso, suas tradições religiosas permaneceram, especialmente na Bahia, o mais africano dos estados. O símbolo máximo do sincretismo religioso como forma de manutenção dos traços da cultura africana no Brasil é a Igreja do Senhor do Bonfim (4)

A imagem do Nosso Senhor do Bonfim chegou a Salvador em razão de uma promessa feita por um fiel. Em meio a forte tempestade, que provocou o naufrágio do navio em que viajava, o capitão-de-mar-e-guerra da marinha portuguesa, Theodózio Rodrigues de Faria, prometeu que, se sobrevivesse, traria para o Brasil a imagem de Nosso Senhor do Bonfim. Assim, em 18 de abril de 1745, a imagem – réplica da representação do santo existente em Setúbal, cidade natal do capitão – foi trazida a Salvador e colocada na igreja de Nossa Senhora da Penha.

Nesse mesmo dia, o capitão fundou uma associação de devotos, a Devoção do Senhor Bom Jesus do Bonfim. Em seguida, teve início a construção da capela e, em 24 de junho de

1754, a imagem saiu da igreja de Nossa Senhora da Penha com destino a sua nova definitiva morada, a igreja de Nosso Senhor do Bonfim, onde foi celebrada missa solene.

As festas em homenagem ao Senhor do Bonfim continuaram nos anos seguintes e, a partir de 1773, passaram a ser celebradas em janeiro, no segundo domingo depois do Dia de Reis, o que acontece até hoje. A tradição da lavagem da igreja remonta a 1773 quando os integrantes da irmandade de devotos limpassem e enfeitassem o templo, preparando-o para as festas solenes do domingo.

E, em 1890, a Arquidiocese de Salvador proibiu a lavagem do interior da igreja. Como, ao longo dos anos, os adeptos do candomblé passaram a identificar o Senhor do Bonfim com Oxalá, o pai de todos os orixás, a lavagem interna do templo se transferiu para as escadarias e o adro.

Hoje, a igreja é um símbolo do sincretismo religioso da Bahia e a lavagem de suas escadarias atrai anualmente cerca de um milhão de pessoas. Os participantes se vestem de branco, a cor do Oxalá, e percorrem 8Km em procissão, da igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia à Igreja do Senhor do Bonfim. O cortejo é comandado por 500 baianas em trajes típicos, que carregam vasos com água de cheiro. Atrás delas, vêm os Filhos de Gandhi, agremiações carnavalescas e uma multidão de fiéis. Quando a procissão chega à igreja do Senhor do Bonfim, que permanece fechada durante a lavagem, as baianas despejam água nas escadarias e no adro da construção, ao som de palmas, toque de atabaques e cânticos de origem africana.

(4) **Revista História Viva**. 4a. ed. Rio de Janeiro: Duetto Editorial, 2004-pp. 96 e 97

5- “O Pagador de Promessas”, de Dias Gomes: um exemplo do sincretismo religioso na Literatura Brasileira.

Quando o tema é o sincretismo religioso presente na Literatura Brasileira, o nome do escritor Jorge Amado é imediatamente lembrado, já que é o autor brasileiro que mais e melhor focalizou a influência, a história e a manutenção da cultura africana no Brasil desde a chegada da primeira “remessa” de negros escravos da África até a atualidade. Tanto isso é verdade que, em 2002, a Casa da Moeda do Brasil lançou, em Salvador/BA, o selo “Jorge Amado: Bahia em Letras” com a fotografia do autor e, ao fundo, elementos da cultura afro-brasileira e do sincretismo religioso. Nessa temática, a obra mais completa do autor é “Tenda dos Milagres”.

Para sairmos do lugar comum, focalizamos, neste trabalho, a temática do sincretismo religioso na obra-prima de um outro autor: “O pagador de promessas”, premiada obra dramática de Dias Gomes, que ficou mundialmente conhecida na sua também premiada e homônima versão cinematográfica, vencedora, inclusive, da “Palma de Ouro” do Festival de Cannes em 1962.

Alfredo Freitas Dias Gomes nasceu em Salvador, na Bahia, em 19 de outubro de 1922. Escreveu sua primeira peça aos 15 anos e em 1942 teve encenada a comédia “Pé de Cabra”, sucesso de público e de crítica. A partir de 1944, passou a trabalhar em emissoras de rádio como autor e diretor. Tornou-se conhecido em 1960, quando foi encenada a peça “O Pagador de Promessas” e, na mesma década, escreveu as peças “A Invasão” (1962), “A Revolução dos Beatos” (1962), “O Santo Inquérito” (1966) e “O Berço do Herói” (1976), algumas delas proibidas de ir à cena pela censura no período de ditadura militar, o que fez com que Dias Gomes levasse para a televisão suas preocupações sociais, criando telenovelas que deram ao gênero alto nível artístico e linguagem própria, tais como “Verão Vermelho”, “Assim na Terra como no Céu”, “O Bem Amado” (primeira novela em cores do Brasil) e o grande sucesso “Roque Santeiro”. Em 1977, Dias Gomes voltou a escrever peças de teatro: “As primícias” e “O Rei de Ramos”. Em 1991, tornou-se membro da

Academia Brasileira de Letras. O dramaturgo e telenovelistas morreu no dia 18 de maio de 1999 em São Paulo/SP.

Encenada pela primeira vez no dia 29 de Julho de 1960, no teatro Brasileiro de Comédias em São Paulo/SP, sob a direção de Flávio Rangel, a peça mostra o drama de Zé-do-Burro, que tem esse apelido por causa do seu melhor amigo, seu burro, um animal por ele personificado até no nome: Nicolau.

A peça começa tendo como espaço a praça na cidade de Salvador, onde desembocam duas ruas, sendo que a da direita começa onde terminam as escadas de uma igreja católica, na versão cinematográfica representada pela Igreja do Bonfim, que, como vimos, é o símbolo arquitetônico do sincretismo religioso no Brasil. Nesse espaço estão chegando um dos protagonistas do drama, Zé-do-Burro, com uma pesada e enorme cruz de madeira semelhante àquela usada por Jesus Cristo em seu calvário, e Rosa, sua esposa e acompanhante. Zé-do-Burro está ali para pagar uma promessa que fez à Santa Bárbara quando Nicolau estava à beira da morte por causa de uma grave doença: a de que, caso seu amigo se curasse, ele dividiria suas terras com pobres que nela trabalhavam e lavaria uma cruz de madeira diante de uma imagem da santa que estivesse numa igreja católica. Como a mais próxima (sete léguas ou uma semana de viagem a pé) era aquela, Zé-do-Burro aguardava a abertura da igreja para o cumprimento da promessa, já que seu amigo Nicolau estava curado.

Enquanto aguardava que a porta principal da igreja se abrisse, o casal conheceu Bonitão, um cafetão, e Marli, uma das mulheres exploradas por ele. Bonitão, atraído por Rosa, leva-a a um hotel próximo para que ela possa descansar, a seduz e, nesse ínterim, o Padre Olavo, responsável por aquela igreja, ao ver Zé-do-Burro com a enorme cruz, foi lhe perguntar o que ele desejava. Na sua ingenuidade, Zé-do-Burro contou ao padre sobre a doença de Nicolau (o padre se surpreendeu quando soube que se tratava de um burro) e sobre a promessa que fez à Santa Bárbara diante de uma imagem dela no terreiro de candomblé de Maria de Iansã próximo ao seu antigo sítio, do qual agora era dono apenas de uma pequena parte. Até nesse momento, a conversa entre Zé e o padre estava difícil, mas

ficou pior a partir do diálogo que se segue, que está no final do primeiro ato e é o mais importante para este trabalho:

“Zé

Foi então que comadre Miúda me lembrou: por que não ia ao candomblé de Maria de Iansã?

Padre

Candomblé?!

Zé

Sim, é um candomblé que tem duas léguas adiante da minha roça. *(Com a consciência de quem cometeu uma falta, mas não muito grave.)* Eu sei que seu vigário vai ralhar comigo. Eu também nunca fui muito de freqüentar terreiro de candomblé. Mas o pobre Nicolau estava morrendo. Não custava tentar. Se não fizesse bem, mal não fazia. E eu fui. Conte pra mãe-de-santo meu caso. Ela disse que era mesmo Iansã, dona dos raios e das trovoadas. Iansã tinha ferido Nicolau, pra ela eu devia fazer obrigação, quer dizer: uma promessa. Mas tinha que ser uma promessa bem grande, porque Iansã, que tinha ferido Nicolau com um raio, não ia voltar atrás por qualquer bobagem. E eu me lembrei então que Iansã é Santa Bárbara e prometi que se Nicolau ficasse bom eu carregava uma cruz de madeira de minha roça até a igreja dela, no dia de sua festa, uma cruz tão pesada como a de Cristo.

Padre

(Como se anotasse as palavras) Tão pesada como a de Cristo. O senhor prometeu isso a ...

Zé

A Santa Bárbara

Padre

A Iansã

Zé

É a mesma coisa...

Padre

(Grita) Não é a mesma coisa! *(Controla-se)* Mas continue...

Zé

Prometi também dividir minhas terras com os lavradores pobres, mais pobres que eu.

Padre

Dividir? Igualmente?

Zé

Sim Padre, igualmente

Sacristão

E Nicolau... quero dizer, o burro, ficou bom?

Zé

Sarou em dois tempos. Milagre. Milagre mesmo. No outro dia, já estava de orelha em pé, rinchando. E uma semana depois todo mundo me apontava na rua: “Lá vai Zé-do-Burro com o burro de novo atrás” *(Ri)* E eu nem dava confiança. E Nicolau muito menos. Só eu e ele sabíamos do milagre. *(Como que retificando)* Eu, ele e Santa Bárbara.

Padre

(Procurando, inicialmente, controlar-se) Em primeiro lugar, mesmo admitindo a intervenção de Santa Bárbara, não se trataria de um milagre, mas apenas de uma graça. O burro podia ter-se curado sem intervenção divina.

Zé

Como, padre, se ele sarou de um dia pro outro...

Padre

(Como se não o ouvisse) E além disso, Santa Bárbara, se tivesse de lhe conceder uma graça, não iria fazê-lo num terreiro de candomblé.

Zé

É que na capela do meu povoado não tem uma imagem de Santa Bárbara. Mas no candomblé tem uma imagem de Iansã, que é Santa Bárbara...

Padre

(Explodindo) Não é Santa Bárbara! Santa Bárbara é uma santa católica. O senhor foi a um ritual fetichista. Invocou uma falsa divindade e foi a ela que prometeu esse sacrifício.

Zé

Não, Padre, foi a Santa Bárbara. Foi até a Igreja de Santa Bárbara que prometi vir com a minha cruz! E é diante do altar de Santa Bárbara que vou cair de joelhos daqui a pouco, pra agradecer o que ela fez por mim!

Padre

(Dá alguns passos de um lado para o outro, de mão no queixo, e por fim detém-se diante de Zé-do-Burro, em atitude inquisitorial.) Muito bem. E que pretende fazer depois... depois de cumprir a sua promessa?

Zé

Que pretendo? Voltar pra minha roça, em paz com a minha consciência e quite com a santa.

Padre

Só isso?

Zé.

Só.

Padre

Tem certeza? Não vai pretender ser olhado como um novo Cristo?

Zé

Eu?!

Padre

Sim, você . Você que acaba de repetir a via crucis, sofrendo o martírio de Jesus. Você que, presunçosamente, pretende imitar o Filho de Deus...

Zé

(Humildemente) Padre, eu não quis imitar Jesus!

Padre

Mentira! Eu gravei suas palavras! Você mesmo disse que prometeu carregar uma cruz tão pesada quanto à de Cristo.

Zé

Sim, mas isso...

Padre

Isso prova que você está sendo submetido a uma tentação ainda maior.

Zé

Qual, padre?

Padre

A de igualar-se ao Filho de Deus!

Zé

Não, padre

Padre

Por que então repete a Divina Paixão? Para salvar a humanidade? Não, para salvar um burro!

Zé

Padre, Nicolau

Padre

E um burro com nome cristão! Um quadrúpede, um irracional!

A Beata sai da igreja e fica assistindo à cena, do alto da escada.

Zé

Mas, padre, não foi Deus quem fez também os burros?

Padre

Mas não à Sua semelhança. E não foi para salvá-los que mandou Seu Filho. Foi por nós, por você, por mim, pela Humanidade.

Zé

(Angustiadamente tenta explicar-se) Padre, é preciso explicar que Nicolau não é um burro comum. O senhor não conhece Nicolau, por isso.... É um burro com alma de gente.

Padre

Pois nem que tenha alma de anjo, nesta igreja não entrará com essa cruz! *(Dá as costas e dirige-se à igreja, o Sacristão trata logo de segui-lo)*

Zé

(Em desespero) Mas, Padre, eu prometi levar a cruz até o altar-mor! Preciso cumprir a minha promessa!

Padre

Fizesse-a então numa igreja. Ou em qualquer parte, menos num antro de feitiçaria.

Zé

Eu já expliquei...

Padre

Não se pode servir a dois senhores, a Deus e ao Diabo!

Zé

Padre...

Padre

Um ritual pagão, que começou num terreiro de candomblé, não pode terminar na nave de uma igreja!

Zé

Mas, padre, a igreja...

Padre

A igreja é a casa de Deus. Candomblé é o culto do Diabo!

Zé

Padre, eu não andei sessenta léguas para voltar daqui. O senhor não pode impedir a minha entrada. A igreja não é sua, é de Deus!

Padre

Vai desrespeitar a minha autoridade?

Zé

Padre, entre o senhor e Santa Bárbara, eu fico com Santa Bárbara

Padre

(Para o Sacristão) Feche a porta. Quem quiser assistir à missa que entre pela porta da sacristia. Lá não dá para passar essa cruz *(Entra na igreja)*

A Beata entra também apressadamente, atrás do Padre.

O Sacristão, prontamente, começa a fechar a porta da igreja, enquanto Zé-do-Burro, no meio da praça, nervos tensos, olhos dilatados, numa atitude de incompreensão e revolta, parece disposto a não arredar pé dali. Bonitão, um pouco afastado, observa, tendo nos lábios um sorriso irônico. A porta da igreja se fecha de todo, enquanto um foguetório saúda Iansã.

Cai o Pano Lentamente.” (5)

(5) Gomes, Dias. **O Pagador de Promessas**. 37^a. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001 – pp.64-70

No trecho transcrito, temos o melhor exemplo de sincretismo religioso da obra, já que uma mesma imagem representa Iansã, no terreiro de Candomblé, e Santa Bárbara, na igreja Católica. Em sua condição de sertanejo simples, Zé-do-Burro acha que Iansã e Santa Bárbara são a mesma santa justamente porque a imagem do terreiro e a da igreja são idênticas. Em sua condição de homem esclarecido e poderoso e por isso intransigente e predisposto a impedir a entrada de Zé e da cruz em “sua” igreja, por um lado, ao mesmo tempo em que se mostra ignorante e pouco generoso diante da simplicidade e de seu “opponente”, padre Olavo argumenta exatamente com idéias opostas às de Zé: para o padre, ele não fez promessa à Santa Bárbara que está na “sua” ou em qualquer igreja ou “casa de Deus”, mas sim à Iansã, “falsa divindade” adorada num “ritual pagão e fetichista” de terreiro de candomblé ou “Casa do Diabo”, o que faz de Zé um adorador desse ente maligno. Zé contra argumenta dizendo que a promessa foi feita à Santa Bárbara porque ele lhe prometeu que levaria a cruz até uma igreja católica. Padre Olavo, irredutível, manda trancar a porta principal de “sua” igreja e proíbe definitivamente a entrada de Zé e da cruz nela.

Os episódios seguintes gradativamente levam o drama de Zé-do-Burro a um rumo inesperado: à tragédia.

— um repórter chegou ao local com um fotógrafo e, ao saber da história de Zé-do-Burro, escreveu uma matéria sobre ele num jornal de grande tiragem, contando que com o intuito de se eger político por um partido de esquerda, já que havia feito até uma reforma agrária em seu sítio, aquele “suposto herói” estava imitando Jesus Cristo. Essa parte da peça é muito interessante porque tudo que Zé-do-Burro disse ingenuamente foi publicado no jornal pelo repórter sob um ponto de vista ideológico que prejudicou ainda mais o pagador de promessas (“Novo Messias prega revolução”, sessenta léguas carregando uma cruz, pela reforma agrária e contra a exploração do homem pelo homem “) já que com ela o Padre Olavo ficou ainda mais convicto de suas decisões”.

__Um poeta, Dedé, fez o “ABC do Zé-do-Burro”, obra em versos que endossou a idéia de que Zé era, na verdade, um comunista expressando suas idéias em praça pública.

__Bonitão, zangado por ter sido preterido por Rosa, que não o quis mais, resolveu se vingar denunciando Zé como alguém que propagava suas “idéias perigosas” e fazia arruaças diante da igreja.

Quando o delegado chegou à praça, pediu que Zé o acompanhasse até a delegacia, mas ele não aceitou (tinha que, cumprir sua promessa e só isso ele faria) e a roda de capoeira reagiu na tentativa de ajudá-lo. A confusão se alastrou e um policial deu um tiro em Zé-do-Burro, matando-o.

Os capoeiras liderados pelo mestre Coca colocaram Zé-do-Burro sobre a cruz, de costas, com os braços estendidos como um crucificado e o introduziram na igreja. Por causa do cortejo, os populares entraram na igreja e intimidaram Padre Olavo, o sacristão e a Beata, que recuaram. Zé-do-Burro cumpriu, enfim, sua promessa e a peça terminou com uma tremenda trovada desabando sobre a praça e com a mãe-de-santo Minha Tia dizendo:

__ Eparrei, minha mãe!

6- Conclusão: a morte de Zé-do-Burro como símbolo da vitória dos dominados sobre os dominantes.

Ao adentrar na “igreja de Padre Olavo” em sua cruz, Zé-do-Burro, mesmo morto, consegue cumprir sua promessa e vencer todos os obstáculos que lhe foram impostos por aquele religioso intransigente, que, como todos aqueles que exercem algum tipo de poder, sente-se senhor da verdade, impondo seus valores aos mais simples, aos menos favorecidos política, social e economicamente naquela organização social que simboliza qualquer sociedade de classes.

Se Padre Olavo é o poderoso, é o religioso que só aceita a sua crença como superior e única, aquele que detém um saber e, por tudo isso, representa a classe dominante, mostrando sua autoridade máxima (se a igreja é a “casa de Deus” e aquela igreja é “dele”, logo, ele é Deus) e não permitindo que Zé-do-Burro ocupasse “seu território”; se Zé-do-Burro é o mestiço, ingênuo, analfabeto, simples, ele representa a classe dominada, obedecendo ao Padre na decisão de não deixá-lo entrar em “sua igreja”; então, a entrada de Zé-do-Burro e de outros populares naquela igreja, contrariando o poder, representa a vitória dos dominados sobre os dominadores.

Mesmo pagando com a própria vida, Zé não abre mão de cumprir sua promessa (dos seus direitos) e a aliança de outras pessoas simples como ele fora e dentro da igreja significa que a união dos menos favorecidos pode garantir sua participação na vida em sociedade e até garantir sua vitória sobre a classe dominante.

Assim foi com o negro africano na sua condição de escravo, assim é com o negro na sua condição de discriminado, de marginalizado, de inferior : impossibilitado de cultuar seus deuses pelo seu senhor católico (Padre Olavo), o negro mostra seu livre arbítrio burlando essa imposição ao fingir obediência ao seu senhor quando, na verdade, usa as imagens de santos católicos para cultuar seus deuses nagôs. Graças ao sincretismo religioso, o negro mantém sua identidade cultural africana até hoje. Esse sincretismo, assim, é a vitória do negro escravo sobre o senhor branco: é um momento de plena liberdade, tal qual a entrada de Zé-do-Burro naquela igreja, tal qual o momento da morte que iguala poderosos e submissos.

O final da peça é sincrético por excelência, mostrando sua coerência em relação a essa temática: ao entrar morto em sua cruz naquela igreja, Zé-do-Burro cumpre sua promessa às duas santas: à Santa Bárbara e à Iansã, que se manifesta agradecida e triunfante fazendo desabar sobre a praça uma trovoadas tremenda.

- **BIBLIOGRAFIA:**

FAUSTO, Bóris . **História do Brasil** . 8^a.ed. São Paulo: EDUSP, 2000.

GOMES, Dias . **O Pagador de Promessas** . 37^a. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001

NASCENTES, Antenor . **Dicionário Etimológico Resumido**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro – MEC, 1996.

PINTO, Tancredo da Silva . **Sincretismo** . disponível em <http://www.umbandaracional.com.br>

Rosa Maria M. Beloto

RG no. 8.031.094

Rua Tenente Coronel José Joaquim Correia Arruda, 144

São Paulo/SP- Brasil

CEP: 02832-000

Telefone/ FAX: (11) 3976-3571